

## 5

### Conclusão

A proposta de redefinir importantes conceitos da escultura contemporânea impulsiona Robert Smithson e Richard Serra no início dos anos de 1970, a explorar os espaços das ruas, avenidas, lagos, desertos.... Instalar suas obras no espaço público consistiu numa estratégia de recolocar a própria relação entre a arte e o mundo, cabendo à cidade um papel decisivo no alargamento do limites epistemológicos da escultura. Organismo vivo, de natureza instável, a cidade termina por invadir o terreno da arte, esgarçando com seu caos e sua entropia suas fronteiras conceituais. Enquanto em Smithson, a obra dilui-se na imensidão infinita do universo, as esculturas de Serra dissolvem-se no ambiente do cenário urbano, onde sucessivas transformações não cessam de ocorrer.

Desde o início da trajetória desses dois artistas, constata-se a infiltração do mundo público da cidade na esfera privada de seus trabalhos. Divulgando em escritos e debates o fim da concepção do estúdio, Smithson, juntamente com Serra, produz discursos no *Max's Kansas City Bar*, experiências nas ruas e nos parques de Nova York. Em Serra, o mundo anônimo e suprapessoal da indústria profissionaliza e coletiviza o antigo espaço privado da realização da arte, agora substituído pelo ambiente pesado das siderúrgicas. A própria noção de processo criativo do artista é despersonalizada na automatização do *fazer* anônimo e coletivo do mundo do trabalho.

Externalizando a lógica do processo de fazer arte, Serra realiza a dissolução da noção do corpo escultural fechado, concebido tradicionalmente com um local onde restava uma interioridade íntegra e profunda – a qual, contudo, desde o minimalismo, encontrava-se por um fio, pressionada pela crescente entrada do mundo na arte. A representação psicologizada do corpo humano sofre um golpe mortal nas suas esculturas, que expurgam a subjetividade em prol de um equilíbrio precário entre elementos do trabalho e as forças físicas gravitacionais da matéria. Trata-se de um corpo cifrado pela linguagem e que, embora consciente e mesmo sem julgamento de sua coisificação frente à infiltração do mundo público,

mantém-se em constante movimento, resistindo à completa objetivação, ao “to continue”.

Algo diferente ocorre em Smithson; o processo de dessubjetivação ao qual seus trabalhos estão sujeitos, nessa nova dimensão pública da arte, conduz a um grau máximo da dissolução dos limites entre obra e o mundo. Pensado como *estruturas cristalinas espelhadas*, os infinitos rebatimentos entre os espelhos não apenas levam a percepção visual para fora do campo pessoal, mas, ao serem reproduzidos ao infinito, constroem um movimento entrópico de constantes deslocamentos e de difícil apreensão em um único ato. Trata-se de um espaço de caráter constantemente reversível e difuso, entre as fronteiras de obra/mundo ou de sujeito/objeto, com tamanhos e temporalidades infinitas na qual a subjetividade, agora inscrita na linguagem, participa de uma dimensão cósmica.

Em Smithson, a cidade é pensada a partir de suas possibilidades temporais. Excursionando por áreas do subúrbio industrial, mediado pelo visor de sua câmera Instamatic, o artista propõe-se a uma espécie de arqueologia das “ruínas em reverso”, uma descoberta das inúmeras temporalidades latentes na paisagem contemporânea. Por sua vez, Serra estabelece um embate com o espaço da megalópole pós-industrial; entretanto, para ele, a entropia é pensada em termos mais espaciais do que temporais, como se constata nas obras de Smithson. Em Serra, a entropia encontrava-se na caoticidade concreta e literal das megalópoles pós-industriais, no espaço do embate corpóreo do homem com sua realidade. Ao incorporarem a megalópole às suas obras, ambos os artistas ampliam os limites do espaço do mundo nos seus trabalhos.

Smithson e Serra estabeleceram novos parâmetros para a arte contemporânea. Desde o momento inaugural de seus conceitos, a arte não cessou de alargar suas fronteiras, pressionada por uma visualidade cada vez mais constrangida pela força da publicidade. Serra e Smithson participaram do início desse processo no final dos anos de 1960. Ambos elaboraram estratégias com o objetivo de preservar a potência da experiência estética. Aproximar a arte do mundo foi uma das mais significativas e audaciosas dessas estratégias, pois poderia custar a própria causa. Na contemporaneidade, a arte encontra-se invadida pela cultura e seu próprio conceito é posto em xeque. A morte prematura de Smithson impediu-o de enfrentar tais questões; Serra, entretanto, prossegue seus trabalhos, procurando viabilizar uma relação outra entre o homem e o mundo.